

A IMPORTÂNCIA DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE NO AGRESTE ALAGOANO

Gabriela Lopes de Araújo
Maria Luiza Braz
UNEAL
Gabiaraujoaragabi@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é frisar a importância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no agreste alagoano. A metodologia da pesquisa foi exploratória, onde foram feitas entrevistas com discentes das Universidades Estadual (UNEAL) e Federal de Alagoas (UFAL), além de um referencial teórico. A formação de professores na idade contemporânea, passa por vários processos: pelo método Lancaster, que era um método de ensino, no qual os alunos se alfabetizavam, para no futuro serem professores, mas sem uma intenção direta; As escolas normais, no início do século XX, eram instituições que ao contrario do método Lancaster, tinha estrutura, e intensão de formar professores; magistério entra em evidência nos anos 70, sendo um método de formação, junto com as licenciaturas de cursos superiores. Até que em 1996 é instituído por lei que, a formação de docentes seria de única responsabilidade do ensino superior. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que a possibilita a experiência durante a formação. O Pibid serve como uma afirmação diante da incerteza do discente, já que permite a aproximação do licenciando com o âmbito escolar. Sendo ainda a conexão entre a teoria e a prática, é o momento onde pode-se aplicar e criar métodos de ensino diferentes. Portanto, o Pibid é teoria, prática, contato, experiência. Mas além de tudo, é ciência na docência.

Palavras-chaves: formação docente, Pibid; experiência

1. Introdução

O objetivo deste trabalho, é tratar a importância do Pibid na formação docente no agreste alagoano. A experiência, o contato, vivenciando a teoria junto com a prática oportunidade pelo programa. Tudo enfatizando o que teóricos como NÓVOA (1995), VICENTINO E LUGLI (2009), FREIRE (2002), entre outros

que falam sobre o assunto abordado. O tema foi escolhido, com intenção de mostrar como os discentes do agreste alagoano, que participam do Pibid, sentem a importância do Programa na sua formação acadêmica. A metodologia de pesquisa exploratória, onde foram realizadas entrevistas com pibidianos da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

2. A formação de professores na idade contemporânea

Durante décadas a docência foi tratada como um espécie de *hobby*, no qual religiosos ou algumas pessoas podiam exercer tal atividade. Normalmente, para ministrar aulas, era necessário ser alfabetizado, ter bom domínio em operações matemáticas, além de um comportamento moral.

No Brasil, em 1820, foi aberta a primeira instituição de formação de docentes, na qual era utilizado o método Lancaster, onde alguns alunos estavam como uma espécie de monitores, que aprendiam, para no futuro alfabetizar outros. Por vezes esses monitores eram a ponte entre professor e o alunado, já que esta formação restringia o contato entre ambos, mas com disse (FREIRE,2002, p.25) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende a ensinar, e quem aprende, ensina ao aprender.”

É perceptível que não havia especialização, sendo considerada como uma atividade secundária ,como enfatizou Nóvoa:

A função docente desenvolveu-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens. A gênese da profissão de professor tem lugar no seio de algumas congregações docentes ao longo dos séculos XVII e XVIII, os jesuítas e os oratarios, por exemplo, foram progressivamente configurando um corpo de saberes e técnicas e um conjunto de normas e valores específicos da profissão docente (NÓVOA, 1995, p.13-34)

A falta de profissionalização e de métodos pedagógicos, fizeram com que o Lancaster fosse ofuscado, dando notoriedade a outras escolas, como foi o caso das normais. Diga-se que, as mesmas foram um paço na história do desenvolvimento da profissão, já que havia estrutura e intenção de formá-los. Contudo, os conteúdos eram muito restritos, não ocorria um aprofundamento naquilo que era estudado. Vicentino e Lugli (2009) enfatizam que o espaço da mulher era restrito, e a apesar de receber verbas do governo, essas instituições conviviam com a incerteza.

Para Souza (2008) no início do século XX, o ensino foi elitizado, na maneira que, docentes do primário eram aqueles que se voluntariavam, e tinham o mínimo de conhecimento e alfabetização. Já no ensino secundário, existiam os chamados professores leigos, ou seja, profissionais que não tinham uma formação docente, mas eram autodidatas ou profissionais liberais. O ensino secundário era voltado para elite, já que tornou-se privado.

O ensino era dual, no qual apenas a elite chegava ao ensino superior, já a classe popular, mau chegavam ao primário. E essa desigualdade permaneceu por décadas, passando pela Era Vargas, onde foram instituídas as Leis Orgânicas, popularmente conhecidas de Reforma de Capanema. Até mesmo com a promulgação da Lei das Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB), em 1961, não houve mudanças. Ainda era muito existente a desigualdade no processo de formação: escola normal de grau ginásial (regente do ensino primário); grau colegial (professor primário). Turine (2000) destacou que 1964 segundo o senso escolar, apenas uma pequena porcentagem dos professores tinham formação profissional.

A Lei n. 592171 (Brasil, 1971), que modificou o ensino básico e a formação de docente. Professores poderiam exercer a profissão através do magistério (educação infantil) ou curso superior em licenciatura (séries mais avançadas e conhecimentos específicos). Em 1996, anos após a queda do governo militar, foi constatado que havia abundantemente escolas habilitadas ao magistério, em contra partida, havia poucos cursos de licenciatura abertos em todo país (Brasil, 1997). Por conseguinte foi adotada a ideia de ensino superior como o único modelo de formação, estabelecido pela Lei n. 9.394/96.

3. Experiência durante a formação

Para um professor, é indispensável o domínio do conteúdo que aplicará em sala de aula. Porém, ao falarmos de docência, é essencial frisar que, o contato e a experiência são de extrema importância no processo de formação. Joh Dewey (1959), enfatiza que a experiência é algo essencial quando falamos em educação escolar. Dewey (1959), ainda afirma que a educação que vem da experiência favorece a aprendizagem, porque o aprendiz age sobre o objeto de conhecimento.

É perceptível que, a maioria dos discentes que participam do Pibid, falaram sobre a transcendência do programa em relação a experiência. Grande parte acredita que ganham muito com esse contato com a sala de aula, antes de se tornarem realmente docentes.

Ao ser perguntado sobre a importância do Pibid em sua formação, o discente de Geografia da (UNEAL) respondeu:

“Essa experiência de estar aqui, acredito que quando estiver em sala de aula, vou estar bem mais preparado. Eu vou ter de certa forma alguma conexão, alguma base. Eu não vou chegar perdido sem saber o que esperar, vou ter uma ideia de como me posicionar”.

O contato que o Pibid promove ao aluno, faz com que haja um choque de realidade. Ele tem a oportunidade de conhecer o que passa em um âmbito escolar. Por vezes, pode assustar e afastar. Contudo, pode afirmar a escolha que o mesmo fez quando decidiu cursar uma licenciatura. Como disse Freire (1967, p.97): "A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade".

É importante firmar que em todas as áreas em um certo momento, o graduando tem incertezas. Segundo uma pesquisa do site Quero bolsas, 29% dos universitários estão insatisfeitos. Daí entra a importância do Pibid, já que os licenciandos têm um contato parcial no início da graduação, com o seu futuro ambiente trabalho. O que é de extrema importância para ter a certeza que quer a seguir a carreira. Essa importância foi percebida durante a entrevista, com a discente do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL):

“Depois do PIBID eu pude ter a certeza que estava certa desde pequena quando dizia que queria ser professora, a cada dia que passo com os alunos eu me apaixono pela profissão”.

Não só graduandos, mas docentes que participaram do programa, demonstram a sua importância em relação à experiência. Foi o caso da docente formada em Letras/Inglês pela (UNEAL):

“Foi importante pelo fato de trazer a experiência com alunos de ensino médio, que a metodologia usada, ao meu ver, precisa ser diferente de alunos do ensino fundamental. Foi uma experiência importante, impulsionou a busca por aulas mais dinâmicas e atrativas, porque essa experiência nos mostrou através de questionamentos com os alunos, as maiores dificuldades e dilemas vivenciados por eles. Alunos adolescentes, assustam um pouco quando você não tem muita idade e está iniciando a docência e o contato com eles antes, deu uma segurança maior, principalmente por ter uma ideia do que eles preferem e esperam das aulas”

4. A importância do Pibid entre a teoria e a prática

Para torna-se professor, é imprescindível que haja teoria. São quatro anos de formação, onde grande parte é composta apenas por bases teóricas. Poucos são os momentos que o licenciando tem contato com a prática, que diz muito sobre o profissional que irá mais a frente torna-se. Mas é fato que, tanto a teoria, quanto a prática, são indispensáveis para educação, sendo necessário que andem juntas. Paulo Freire diz: A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.” (FREIRE, 1996, p.25). E o Pibid é isto: a conexão entre a teoria e a prática. É na escola o momento de testar sua base teórica e colocar em prática aquilo que foi lhe ensinado na universidade.

O Pibid é o momento que o futuro professor tem para testar novos métodos. É de extrema importância alimentar a criatividade do jovem discente, para no

futuro colher os frutos do tempo de produção. Porque o Pibid é prática, é teoria, experiência. Mas além de tudo, é ciência na docência.

O pibidiano, discente de Geografia da (UNEAL) enfatizou:

“O Pibid tem a importância de nós incentivar criativamente a sempre ter novas ideias. A estar buscando novas formas didáticas de passar conhecimento para os alunos. O que dá certo e o que não dá. Porque quando você vai pra prática, você consegue balancear o que é teoria, e o que realmente é válido na prática”.

O programa não implica apenas na formação docente, mas na formação acadêmica em si. A maioria dos entrevistados relataram que após ingressarem no Pibid, tiveram uma significativa melhora em relação ao desempenho oral, além do aumento da consciência de responsabilidade.

Como já foi dito, o Pibid é a afirmação do discente com a docência. A prática acaba desencadeando a vontade de aprender mais teoricamente, para voltar no futuro para sala de aula como um professor. Ou seja, acaba dando mais consistência para aqueles que querem realmente serem professores, como é o caso da discente de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas:

“Na faculdade, você tem mais vontade de aprender para passar pra os alunos. Mais vontade de estar em sala de aula. Mais vontade de terminar o curso, mas não só por terminar, terminar pra ser professora”.

O Pibid também possibilita a formação de um laço afetivo, tanto com a docência, tanto com o âmbito escolar. Como enfatizou o discente de Letras da (UFAL):

“Mudou várias coisas, mas algo que marcou muito foi o conhecimento que nós, pibidianos, conseguimos adquirir, tanto para formação pessoal quanto para formação acadêmica. E também mudou o jeito que eu me expressava com as pessoas, ali você aprende a lidar e a saber amar o outro.”

5. Conclusão

Diante a história da formação de professores, que por séculos foi sofrida e tratada de qualquer maneira, é fato que o docente por vezes não tinha como buscar métodos para inovar e melhorar o ensino. Mas a decisão de a formação docente tornar-se apenas responsabilidade do ensino superior foi importante, para trazer a docência a um âmbito com mais acesso a ciência e a teóricos, que pudessem ajudar no desenvolvimento da mesma. E o Pibid é imprescindível quando falamos em ciência na docência.

Deduz-se que os discentes do agreste alagoano, dão de fato, a importância ao Pibid em suas formações. Acreditam que é um momento a se aproveitar intensamente, já que é único. Traz a experiência, o contato, a prática para a formação. É o local de usar a teoria, mas inovar nas práticas, ver o que de fato vale em uma sala de aula.

É mais que apenas um programa, é onde o discente aprende a doar-se a educação. É nas escolas que se desenvolvem os métodos, onde realmente o licenciando tem a afirmação do caminho a seguir. Portanto, o mesmo é de extrema importância para a formação docente do agreste alagoano, já que o Pibid é prática, contato, experiência. Mas além de tudo, é ciência na docência.

Referências

- DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. Trad. Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- NÓVOA, A. (1995). **O passado e o presente dos professores**. In: NÓVOA, António. Profissão Professor. Porto. Porto Editora. (p.13-34).
- ROMERO, Márcia Cicci ; ROMERO, Maria Helena. (2016) **O percurso histórico da formação de professores: Do século XII À promulgação da LDB**. (p. 11-19)
- SOUZA, Rosa Fátima. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)**. São Paulo: Cortez, 2008 (Biblioteca Básica da História da Educação Brasileira; v.2)

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores.** Revista Brasileira de Educação, n. 14, mai/jun/jul/ago de 2000 (Número Especial – 500 anos de educação escolar), p. 61-88.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **Como se preparavam os professores para o ensino? As instituições em formação.** In: VICENTINI, Paula Perin. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa.** São Paulo: Cortez, 2009. (p. 27-66).

https://direcionalescolas.com.br/pesquisa-revela-que-1-a-cada-3-universitarios-estao-insatisfeitos-com-a-faculdade/amp/#referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&_tf=Fonte%3A%20%251%24s